



# A bioética e a teologia nas narrativas de gênero e de racismo do catolicismo atual: uma reflexão a partir da reforma eclesial do Papa Francisco

Bioethics and theology in the gender and racism narratives of current catholicism: a reflection from Pope Francis' ecclesial reform

*André Luiz Boccato de Almeida\**  
PUC-SP

Recebido em: 30/05/2024. Aceito em: 01/07/2024.

**Resumo:** O presente artigo analisará a bioética no contexto das narrativas de gênero e de racismo no catolicismo atual. Propõe-se destacar como estas duas questões complexas se situam no pontificado do Papa Francisco e em sua reforma eclesial. A bioética hoje se situa no horizonte de uma busca por um humanismo em todos os setores da convivência humana. Ela é uma ponte, uma possibilidade de diálogo entre a secular lógica racional-científica e a urgência de um humanismo que salvasse a dignidade humana. Toca ao saber bioético estabelecer pontes de diálogo entre os vários horizontes de saber com as tradições antigas. No pontificado do Papa Francisco ele se posiciona por um humanismo a partir de uma fundamentação religiosa e cristã. O tema do gênero e do racismo ainda é um tabu para a Igreja e para o seu pontificado. Neste artigo se problematizará estas temáticas dentro do universo de compreensão da bioética. A reflexão será conduzida por três caminhos. No primeiro, será situada a questão do gênero e do racismo na tradição bíblica e teológica. No segundo, se abordará estes temas no pontificado de Francisco. Enfim, no terceiro, se diagnosticará como eles aparecem neste pontificado, a partir de alguns avanços e limites. Assim, se pretende apresentar, à luz da bioética e

\* Pós-Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade do Paraná, PUC-PR, Curitiba, 2019). Doutor em Teologia Moral (Pontifícia Università Lateranense, Roma, 2016). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade do Paraná, PUC-PR, Curitiba, 2010).  
E-mail: a.l.boccato@gmail.com.





*do esforço de diálogo, como a tradição cristã-católica, através do Magistério, compreende estas questões essenciais para a humanidade no contexto atual.*

**Palavras-chave:** *bioética; gênero; racismo; catolicismo; Papa Francisco.*

**Abstract:** *This article will analyze bioethics in the context of narratives of gender and racism in contemporary Catholicism. It aims to highlight how these two complex issues are situated in the pontificate of Pope Francis and his ecclesiastical reform. Bioethics today is situated on the horizon of a search for humanism in all sectors of human coexistence. It is a bridge, a possibility of dialogue between the secular rational-scientific logic and the urgency of a humanism that safeguards human dignity. It is up to bioethical knowledge to establish bridges of dialogue between the various horizons of knowledge and ancient traditions. In the pontificate of Pope Francis, he positions himself in favor of a humanism based on a religious and Christian foundation. The issue of gender and racism is still taboo for the Church and for his pontificate. This article will problematize these issues within the universe of understanding bioethics. The reflection will be conducted along three paths. In the first, the issue of gender and racism will be situated in the biblical and theological tradition. In the second, these issues will be addressed in the pontificate of Francis. Finally, the third section will diagnose how they appear in this pontificate, based on some advances and limitations. Thus, it will be intended to present, in the light of bioethics and the effort of dialogue, how the Christian-Catholic tradition, through the Magisterium, understands these essential questions for humanity in the current context.*

**Keywords:** *bioethics; gender; racism; catholicism; Pope Francis.*

## Introdução

A presente reflexão versa o sentido de uma bioética dialógica a partir do ímpeto reformador do pontificado de Francisco dentro da perspectiva de sinodalidade, em que se apresentam gestos, atitudes e discursividades com o afã de propiciar um retorno à fonte evangélica. Dentro das várias iniciativas reformistas, num processo de diálogo, escuta e discernimento, o tema do gênero e do racismo não encontram propriamente um tratamento sistemático evidente. Aliás, estes dois temas brotam de uma sensibilidade mais própria do sul global, onde as vítimas e os silenciamentos tradicionalmente foram colocadas pela instituição eclesial num segundo plano. Francisco dá eco a estas duas reivindicações na escuta e na confiança do protagonismo.

As pautas e discussões em torno de gênero e do racismo explicitam o revigoramento que as novas culturas encontram na grande aldeia global das discursividades. Sabe-se que a bioética é um saber surgido no contexto laico em que o diálogo franco, verdadeiro e corajoso, em defesa da dignidade humana, é central e necessário. Desse modo, na bioética,



o importante é a reflexão crítica sobre a vida humana quando ameaçada e a forma de articulação dos princípios subjacentes. Em Francisco, pela escuta e o diálogo, estas referências antes colocadas num segundo plano encontra um solo fecundo pela reciprocidade das consciências numa Igreja sinodal. É verdade que ainda há muito o que percorrer sobre esta agenda, mas há já espaço de discussão e de comprometimento.

Esta reflexão se coloca neste horizonte de sentido. Pretende-se indagar e problematizar até que ponto estas discussões encontram ou não reverberação no pontificado reformista de Francisco. Para isso, será percorrido um caminho de reflexão em torno das fontes, em diálogo com autores que abordam tais questões. Inicialmente será apresentada a perspectiva de gênero e do racismo na tradição bíblico-teológica. Trata-se, então de uma bioética religiosa centrada numa visão de revelação. Num momento posterior, evidenciará a progressiva acolhida destas pautas no pontificado de Francisco, mesmo que ainda de forma silenciosa. Por fim, se fará um juízo ético ou bioético sobre o caminhar destas reflexões dentro da pauta eclesial e sinodal.

## 1 O tema de gênero e do racismo na tradição bíblico-teológica

*Gênero* é considerado uma categoria de análise de grande amplitude que envolve a compreensão de vários conceitos, entre eles o próprio mistério de Deus, do discipulado e das práticas eclesiais, além da própria cultura contemporânea<sup>1</sup>. Diante da sua complexidade e da resistência social e eclesial em tratar das questões relativas às relações de gênero, sua análise se torna extremamente delicada, uma vez que sua menção quase sempre está relacionada a ideologias<sup>2</sup> e, assim, acaba sendo considerado tema “perigoso”.

No interior da Igreja Católica também é uma palavra percebida de várias maneiras diferentes, quase sempre de forma negativa e relacionada

<sup>1</sup> BALSAN, Luiz. *Teologias contemporâneas*. Editora Intersaberes, p. 119, 2020. 244. ISBN 9788522702312. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acer-vo/5079439/>. Acesso em: 7 mar. 2024.

<sup>2</sup> Por “ideologia” se entende aqui todo tipo de projeto humano de emancipação que estabelece uma visão alheia aos princípios indicados pela religião, e, de modo particular pelo cristianismo católico. Cf. GRASSI, P. Ideologia. In: LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge T. da. *Dicionário de Bioética*. Aparecida: Santuário, 2001. p. 578.



à liberdade de escolha de orientação sexual sem levar em conta as características biológicas de cada indivíduo. Entretanto, começa a surgir dentro de Igreja, como por exemplo o documento da Comissão Justiça e Paz da Conferência Episcopal Alemã<sup>3</sup>, do ano de 2004, entendimento diverso daquele que está relacionado apenas ao binarismo de gênero e sua conotação biológica. Assim, alinhado a um entendimento mais claro a respeito da questão, o termo “gênero” passa a ser interpretado com um aspecto social e cultural de diferença entre os sexos, e não de diferença entre os sexos biológicos, passando a adotar uma conotação positiva e corroborando para uma leitura crítica dos papéis sociais<sup>4</sup>.

Desse modo, gênero não é entendido como “ideologia de gênero”, mas como categoria adequada para promover relações dignas entre homens e mulheres; é categoria de análise das tradições e costumes dos mais diversos grupos humanos, e se trata de uma perspectiva de reflexão muito além do exercício da sexualidade. Há outras decorrências do termo “gênero”, tais como *identidade de gênero e orientação sexual*, por exemplo, que são importantes e, inclusive, já foram objeto de publicação anterior de parte desses autores a respeito do tema<sup>5</sup>. Enfatiza-se, entretanto, o termo “gênero” em seu sentido mais geral e, conforme já foi dito, como categoria de análise crítica para promover relações adequadas e equitativas entre homens e mulheres, como instrumento ligado à atividade principal da Igreja que é promover caminhos de superação das injustiças e violências<sup>6</sup>.

A partir da compreensão a respeito de “gênero” é preciso fazer também uma reflexão sobre o tema na tradição bíblico-teológica, pois não se pode olvidar que a elaboração de uma Teologia de Gênero se caracteriza como uma contribuição das pessoas que têm fé com o objetivo de transformar as estruturas injustas que estão relacionadas às questões de gênero<sup>7</sup>, com uma elaboração crítica à luz da revelação que atinge

<sup>3</sup> Geschlechtergerechtigkeit und weltkirchliches Handeln. *Ein Impulspapier der Deutschen Kommission Justitia et Pax (Justiça de gênero e ação da igreja mundial. Um papel de impulso)*. Disponível em: [https://www.justitia-et-pax.de/jp/publikationen/gerechtigkeit\\_und\\_frieden/guf\\_104.php](https://www.justitia-et-pax.de/jp/publikationen/gerechtigkeit_und_frieden/guf_104.php). Acesso em: 7 abr. 2023.

<sup>4</sup> BALSAN, 2020, p. 122.

<sup>5</sup> A respeito ver: ALMEIDA, André Luiz Boccato de; DE PAULA, Patricia C. A dignidade da mulher em questão: uma análise ético-interpretativa da violência de gênero a partir de Juízes 19. In: *Revista Encontros Teológicos*. Florianópolis, p. 79-102, v. 35, n. 1, jan./abr. 2020.

<sup>6</sup> BALSAN, 2020, p. 123 e 129.

<sup>7</sup> BALSAN, 2020, p. 129.



a plenitude com a pessoa de Jesus Cristo e, assim, denunciando situações de injustiças e opressões sociais. Trata-se, assim, de uma teologia propositiva que visa elaborar novas formas de compreensão de Deus e novos modelos de convivência fraterna, digna e igualitária entre os seres humanos, repensando, com base nas questões levantadas pela teologia feminista, as questões fundamentais da fé<sup>8</sup>.

Feitas essas considerações, com leitura a partir dos textos bíblicos, é preciso levar em conta a questão do mistério da criação sob a perspectiva de gênero e não sob a perspectiva da sociedade patriarcal, uma vez que nesta, a partir da concepção de Deus (Senhor) entendido como pai, tutelam-se estruturas autoritárias em âmbito familiar, político e eclesial<sup>9</sup>, em detrimento de uma compreensão mais legítima com a relação que se estabelece entre Deus e a humanidade.

Essa imagem masculinizada de Deus exclui as mulheres das inúmeras esferas sociais e eclesiais, já que simbolizam uma autoridade normativa e, portanto, como protótipo para o ser humano<sup>10</sup>, muitas vezes ligado à violência que acaba se tornando normalizada. A própria terminologia que apresenta o Filho como *gerado* pelo Pai evidencia um traço eminentemente feminino, seria então um “pai materno”<sup>11</sup>, de modo que em Deus há, em princípio e sem prejuízo de uma elaboração mais inclusiva, o feminino e o masculino.

A relação de paternidade entre Deus e Jesus se reveste de um caráter particular que ultrapassa de longe as implicações da invocação ‘*Abbá*’ em Mc 14,36. Isso se torna manifesto na cristologia joanina, quando Cristo sublinha sua unidade com o Pai em suas obras (Jo 5,17.19-21). Não basta dizer que ele copia o Pai em sua atividade. Ao realizar seus milagres, Jesus realiza as próprias obras do Pai, o que significa que o Pai está presente no Filho enquanto este exerce sua atividade (Jo 14,9s.), e, dessa forma, se vê num único olhar o Filho e o Pai que ele manifesta. Trata-se de uma cristologia semelhante à que se encontra em Paulo. Este mostra Cristo subordinado ao Pai (1Cor 3,23; 11,3), tanto na obra da criação (1Cor 8,6) como na da restauração escatológica (1Cor 15,27s.). Contudo, como o Pai é aquele “de quem tudo vem” e Cristo aquele “por quem tudo existe” (1Cor 8,6), a ação criadora do Pai está

<sup>8</sup> BALSAN, 2020, p. 131.

<sup>9</sup> BALSAN, 2020, p. 138.

<sup>10</sup> BALSAN, 2020, p. 139.

<sup>11</sup> BALSAN, 2020, p. 141.



presente na ação de Cristo. Essa paternidade divina ultrapassa, portanto, não apenas o sentido metafórico, mas até um sentido realista. Ela se resolve numa dinâmica de ação à qual a noção de paternidade convém apenas por analogia<sup>12</sup>.

Assim, conforme defende Elisabeth S. Fiorenza, uma linguagem de Deus verdadeiramente cristã deve transcender a linguagem patriarcal e matriarcal e sua simbologia. Devem ser empregados símbolos e imagens humanas que reflitam as múltiplas formas de experiência humana, asseverando a mutualidade, a plenitude, a maturidade e a potencialidade humana, não restrita apenas às questões de gênero, mas também de classe social, cultura, raça e religião, pois somente desse modo pode ser realmente católica e universal<sup>13</sup>.

Além disso, devemos considerar a questão do mistério da encarnação também sob essa perspectiva de gênero, visto que Ele se despojou de sua condição divina e se fez carne, assumindo Jesus também a condição humana (Fl 2, 6-11). O texto bíblico, portanto, coloca seu acento a sua pertença à humanidade e não à sua condição do sexo masculino (Jo 1,1-18), de tal forma que a compreensão da salvação não pode ser entendida na masculinidade ou o sexo histórico de Jesus, mas por sua opção pelos pobres e marginalizados<sup>14</sup>. Não há como desconsiderar, entretanto, que apesar do esforço das primeiras comunidades cristãs de assegurar a igualdade fundamental entre os discípulos e as discípulas de Jesus, conforme se infere em (Gl 3,28), a cristologia acabou fortemente marcada pela tradição patriarcal identificando Jesus com um Deus masculino e colocando as mulheres em situação de inferioridade<sup>15</sup>.

Apesar disso, na *Gaudium et Spes 22*, encontramos uma ênfase na condição humana de Jesus e não em sua masculinidade pois “a natureza humana foi n’Ele assumida”, concluindo-se que a Encarnação abrange todos os seres humanos, de todas as raças, gênero e condições sociais, assim como de ambos os gêneros. É, portanto, um imperativo moral que homens e mulheres se engajem na reflexão baseada também em uma perspectiva de gênero, para garantir uma reflexão mais consciente

<sup>12</sup> LIPINSKI, Édouard. Pai. In: BOGAERT, P.-Maurice. (org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Loyola: São Paulo, 2013. p. 1011.

<sup>13</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Tradução: Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 109.

<sup>14</sup> BALSAN, 2020, p. 134.

<sup>15</sup> BALSAN, 2020, p. 135.



e sensível sobre gênero, não podendo silenciar sob pena de se tornarem cúmplices de sofrimento e opressão causadas por uma interpretação dominante de uma masculinidade hegemônica que não atende ao fato de que não existe apenas uma forma de ser homem ou mulher e que tal consideração deve ter em vista, ainda, a questão de classe, religião, educação e, sobretudo, raça<sup>16</sup>.

Por sua vez, a questão do racismo tem suas raízes no sistema escravocrata que marcou profundamente sociedades, instituições, corpos e consciências, de forma mais veemente a partir do século XV<sup>17</sup>. Esse processo de dominação justificado pela classificação de seres humanos, pelo dispositivo da raça, conferiu categorização de indivíduos no horizonte ideário do homem universal; este sendo: homem, branco e europeu<sup>18</sup>. Tal percepção de humanidade, fomentado por esta classificação, estruturou a técnica da colonização europeia como meio de conquista, submissão e eliminação de povos com culturas dessemelhantes.

Essa ideologia racista penetrou pelo processo de colonização, como também, justificado pela narrativa religiosa. Segundo Caldeira<sup>19</sup>, a legitimação desse projeto etnocêntrico pautou-se na neutralidade bíblica diante da escravidão que, “serviu de ferro em brasa e algemas que aprisionavam negras e negros no doce inferno do engenho de açúcar... como fonte amarga porque foi usada não apenas para legitimar a escravidão, mas também para amaldiçoar o povo negro”. Nesse sentido, é possível apontar que o Livro Sagrado, elemento indispensável para configuração religiosa, está permeada de concepções racistas.

<sup>16</sup> ARCHILA, Francisco Reyes, RAJO, Larry José Madrigal. Introdução – Re-imaginando a masculinidade: caminhos diversos para a reflexão sobre a relação entre Bíblia, gênero e masculinidade. In: Re-Imaginando a masculinidade. *RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica latino-Americana*, n. 56, p. 16/17 – 2007/1, Editora Vozes, Petrópolis, 2007.

<sup>17</sup> A escravidão sempre existiu na história em todas as sociedades. Mas, a história da escravidão na América se distingue pelo regime do trabalho e a ideologia racista que passou a associar cor da pele à condição de escravo. Cf. GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. p. 65-73.

<sup>18</sup> MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. Decolonialidad como práxis desde las víctimas y sus resistencias. Cuestiones epistemológicas y distinción de conceptos. In: KUZMA, Cesar; ANDRADE, Paulo F. C. de. (org.). *Decolonialidade e práticas emancipatórias*. Novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia. São Paulo: Soter: Paulinas, 2019. p. 13-28.

<sup>19</sup> CALDEIRA, Cleusa. Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 21, p. 1189-1210, 2013, p. 1192.



Tal neutralização coube nos desdobramentos da aproximação e anuência da relação entre Igreja e sistema escravista, que resultou no “apagamento” da identidade cultural, étnica e espiritual na população negra pela execução de um projeto autoritário. Como apontado na Campanha da Fraternidade de 1988, cujo tema foi “*A fraternidade e o Negro*”, há o reconhecimento que a instituição católica e alguns membros justificaram e usufruíram dessa estrutura escravocrata<sup>20</sup>, desde a posse do escravizado ao recebimento de ordenado pela exportação de cativos<sup>21</sup>, repercutindo, desse modo, a religiosidade como instrumento de controle social, pois, no Brasil Colônia, obrigava-se a evangelização, o batismo e a educação religiosa<sup>22</sup> aos africanos escravizados.

Essas ações que tornavam os negros em condição subalterna eram justificadas por hermenêuticas religiosas equivocadas. O primeiro exemplo é a associação da cor de pele à condição escrava, lida em Gn 9, 18-28, em que diz: “Maldito seja Canaã! Que ele seja, para seus irmãos, o último dos escravos! [...] que Canaã seja seu escravo”. A Maldição de Cam, por ter visto a nudez do seu pai, recaiu sobre seus descendentes, Canaã, que teriam ido para a África, e ali se estabelecido e tornariam escravos até o fim dos tempos. Essa leitura fora princípio para defender o cativo dos africanos.

Outro momento, é a questão posta em Ct 1,5-6, com a construção epistêmica do corpo de uma mulher negra, em que a partir da racialização<sup>23</sup> na perícopes, dada pela alteração textual, fortalece a violência racial. O trecho traduzido diz: “eu sou morena, mas bela... não olheis eu ser morena”; escolhendo a conjunção adversativa (mas) ao invés do (e) conjunção aditiva, expresso no texto massorético. Segundo Mena-López,

*É a Sulamita a protagonista do mais belo poema de amor existente na Bíblia Hebraica (Ct 1,5). Porém, sua corporeidade tem servido para a condenação do corpo, do erotismo, da sensualidade e da beleza dos cor-*

<sup>20</sup> CNBB. *Texto Base Campanha da Fraternidade 1988: Ouvi o clamor deste povo*. Brasília: Gráfica, 1988. p. 28.

<sup>21</sup> Cf. GOMES, 2019, p. 335-339.

<sup>22</sup> Cf. GOMES, Laurentino. *Escravidão: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021. p. 121-131.

<sup>23</sup> O termo racialização remonta ao ato de referir a uma estrutura de significado que originalmente só pode existir enquanto enunciação. Cf. NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019. p. 67.



*pos das mulheres negras, isto é, para a justificação de ideologias racistas sexistas e classistas [...] e equiparando a cor de pele com o pecado*<sup>24</sup>.

Orígenes, ao comentar o trecho de Cântico de Cânticos, evidencia, o fator do pecado e da vergonha por ser negra, e, que pôr a alma ser negra, esta padece. Sendo pela condição accidental e não criada pelo criador. Enquanto, o fato de se tornar branca e cândida, irradia luz verdadeira e rejeita a negritude<sup>25</sup>. É possível refletir essa conduta de “modificação” ou eliminação do outro por ser negro, através da perspectiva de Fanon, em que o homem colonizado – calado, ausente e “transformado” – num primeiro momento é inserido na perspectiva de desejo de se tornar branco e, posteriormente, o de não regredir nessa “travessia”. Pois, com o sentimento de inferioridade e, sendo desnudo de sua originalidade, passa a atingir a sensação de igualdade<sup>26</sup>. Porque,

*afinal, é preciso branquear a raça. Branquear a raça, salvar a raça, mas não no sentido que se poderá supor: não para preservar a originalidade do pedaço de mundo em cujo seio cresceram, e sim para garantir sua brancura [...] na verdade, não é que questionemos o valor dos negros, mas, é melhor ser branco*<sup>27</sup>.

Desse modo, esse projeto de “conversão” do outro – da pessoa negra –, integra o que Mbembe identifica como programa de universalização<sup>28</sup>, dado que, entende-se como elemento integrante da conquista de povos, pleiteado pelo colonizador religioso e “civil”, os quais desejam introduzir os colonizados em seu espaço e leitura de mundo. Essa ideia promove o entendimento de que, os cativos, não possuem a verdadeira liberdade, razão ou civilidade, mas habitam a morte e a ignorância. Sendo preponderante a execução de sua “libertação” ser realizada pela sociedade branca e religiosa.

Contrária a certas “lógicas” que apontam para conformação da escravidão, do domínio e subalternidade dos povos negros e, em vias atuais, do racismo; como na naturalização da violência e desigualdade

<sup>24</sup> MENA, Maricel. Bíblia e descolonização: apontes desde uma Hermenêutica bíblica negra e feminista de libertação. In: *Revista Mandrágora*, v. 24, n. 2, p. 115-144, 2018, p. 134.

<sup>25</sup> ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 128.

<sup>26</sup> FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020. p. 39.

<sup>27</sup> FANON, 2020, p. 62-63.

<sup>28</sup> MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo, n-1 edições, 2018. p. 173-176.



de gênero, visto que tais expressões estereotipadas acerca dos outros, discriminações e discursos odiosos se tornaram socialmente injustificáveis e criminosos<sup>29</sup>, urge mudanças enquanto sociedade como na esfera religiosa. Assim, um horizonte possível, pautado no respeito, na diversidade e na acolhida é notado na história atual da Igreja Católica, em decorrência do pontificado em exercício que, de certa forma, confronta dispositivos autoritários e de controle.

## 2 A reforma silenciosa e gestual de Francisco

Ao celebrar dez anos de ministério papal de Francisco, em 2023, é possível descrever o novo impulso dado a instituição, indicando o movimento de deslocar a passiva e autoritária pastoralidade da Igreja, para uma organização mais humanizadora e acolhedora. De certo, a identidade desse pontificado é o cuidado, expresso da prática do discernimento, atento aos sinais dos tempos e da conversão da comunidade para a essencialidade do Evangelho. Nesse sentido, gênero e raça, são elementos singulares para essa renovação, pois, se a norma percorre atualizações morosas ou até inexistentes, a gestualidade de Francisco provoca e abre possibilidades. Não há como negar que o Papa Francisco tem proposto uma transformação pastoral na Igreja Católica, e a questão de gênero tem surgido nos cenários em que se propõe uma maior abertura e atualização. Deste modo, embora Francisco seja devedor de um modelo de bioética principialista próprio de uma tradição religiosa, ele percebe que se faz necessário dialogar ou acolher novas formas de se pensar a pessoa em suas condições reais.

Cite-se, inicialmente, no Pontificado de Francisco, em 2013, a convocação do Sínodo dos Bispos para a família, e todo o processo que transcorreu até a edição do documento *Amoris Laetitia*. Embora não tivéssemos alcançado uma alteração da doutrina, ao acolher pessoas que vivem em outras configurações familiares, que não homem e mulher, abre-se ao debate sobre questões atinentes à sexualidade e gênero nunca assumidos nas últimas décadas<sup>30</sup>.

<sup>29</sup> WILLIAMS, Matthew. *A ciência do ódio: a jornada de um cientista para compreender a origem dos preconceitos e da violência que ameaçam a sociedade humana*. Tradução: Marcelo Bardão. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021. p. 320.

<sup>30</sup> LIMA, Luis Corrêa. Família, Gênero e Orientação Sexual: questões enfrentadas pelo Papa Francisco. *Creatividade*. In: *Revista da Cultura Religiosa*. PUC Rio. 2019, p.



Ressalte-se, também os gestos públicos do Papa Francisco que contribuíram para abrir novos caminhos, como no início de 2015, quando recebeu em sua casa a visita do transexual espanhol Diego Neria e sua companheira, como também quando visitou um presídio na Itália e fez uma refeição na companhia de presos transexuais, e, ainda, nos Estados Unidos, quando recebeu na nunciatura apostólica seu antigo aluno e amigo gay, Yayo Grassi, e o companheiro dele<sup>31</sup>.

Para Emiliano, Novais e Souto Maior, embora o discurso religioso da Igreja Católica ainda mantenha e defenda aquilo que era feito há cem ou duzentos anos, por exemplo, controlando os sentidos da sexualidade, e que os discursos e práticas produzidos a respeito dela ainda sejam alvo de vigilância e punições, de maneira muito sutil e discreta, ocorre uma mudança nesse discurso no atual líder católico, o Papa Francisco<sup>32</sup>.

Desse modo, quando em uma entrevista concedida a uma jornalista em 29/07/2013, ao ser indagado sobre “como vai enfrentar o lobby gay” teria respondido, entre outras considerações discursivas, que “Se uma pessoa é gay e procura Jesus, e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?”, aproximando-se, assim, da figura abnegada e altruísta que assumiu ao adotar o título “Francisco”, em diálogo com o trecho bíblico de João 8,7 “Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela”<sup>33</sup>, em contraposição às afirmações feitas por seus predecessores.

Todavia, muitas vezes, Francisco tem mostrado posições extremamente contrárias aos posicionamentos anteriores, conforme ressalta Butler, por exemplo, ao afirmar que:

*Em 2016, mesmo o Papa Francisco, que ocasionalmente apresenta visões progressistas, continuou na linha do seu antecessor: “Estamos vivendo um momento de aniquilação do homem como imagem de Deus”. Ele incluiu especificamente como uma das vias deste ataque a “[ideologia*

36. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=33613@1>. Acesso em: 7 abr. 2023.

<sup>31</sup> LIMA, 2019, p. 42-43.

<sup>32</sup> EMILIANO, A. R.; NOVAIS, J. O. de S.; SOUTO MAIOR, R. de C. Discursos envolventes nas declarações do Papa Francisco acerca da homossexualidade: Construindo identidades na interface Estado e Igreja. In: *Polifonia*, [S. l.], v. 29, n. 54, abr./jun. 2022. 89. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/15012>. Acesso em: 8 abr. 2023.

<sup>33</sup> EMILIANO; NOVAIS; SOUTO MAIOR, 2022, p. 99-100.



*de] gênero”, e se mostrou claramente contrariado ao afirmar que “Hoje crianças – crianças! – são ensinadas na escola que todos podem escolher seu sexo ... Isso [sic] terrível!”<sup>34</sup>.*

Nisso, vê-se a fragilizada concepção de gênero que ainda permeia o imaginário e a formação religiosa. Isso não significa, conforme Butler, em uma mera vulnerabilidade linguística, mas sim uma linguagem que auxilia a violência, a possibilidade de uma constituição de mundo e de produção de sentido<sup>35</sup>. O que, segundo Galindo, institucionaliza a violência de gênero e compromete o trabalho ardoroso daqueles integrados à luta contra esse flagelo e perverso crime contra a identidade da pessoa humana<sup>36</sup>.

Sobre a afirmação de que a religião participou efetivamente no processo colonizador, pelo dispositivo da catequese e evangelização, não é um equívoco. Sua articulação histórica evidenciou um “deus branco” pactuado com o sistema de domínio. Enquanto o negro foi teologizado sem afeto e de forma pejorativa, porque “não era pessoa, mas coisa”<sup>37</sup>, não era visto como outro e com possibilidade de existir, contudo o fato de calá-lo era a possibilidade de matá-lo, puni-lo e dizer que era pecado em corpo e cultura. Isso significa que ao inferiorizar negros, a religião projetou um ideal de composição comunitária para responder sua interpretação de divindade, pessoa, santidade e pecado. Ou seja, tal atitude nutrida por esse ideal de religião e sociedade, configura uma agenda pautada na rejeição consciente e inconsciente<sup>38</sup> da negritude. Diante disso, o embranquecimento, a ausência de multiculturalidade e da identidade racial, produz uma comunidade de fé alinhada com as afirmações racistas.

Diante de tais fatos, Santos afirma que, numa sociedade branca, supostamente cristã, não faltaram argumentos e justificativas religiosas

<sup>34</sup> BUTLER, Judith. Ideologia anti-gênero e a crítica da era secular de saba mahmood. *Debates do NER*, [S. l.], v. 2, n. 36, p. 219-235, 2019, p. 223. DOI: 10.22456/1982-8136.99586. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/99586>. Acesso em: 7 abr. 2023.

<sup>35</sup> BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021. p. 18-19.

<sup>36</sup> GALINDO, Jutta Battenberg. Violência de gênero e pornografia virtual: abordagem pastoral. In: TRASFERETTI; ZACHARIAS. *Sexualidade e Pastoral: aos párocos e agentes de pastoral*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 317-318.

<sup>37</sup> Cf. MIRA, João Manoel. Reflexão sobre a evangelização do negro no Brasil (pp. 99-113). In: SILVA, Antônio Aparecido da. *América Latina 500 anos de evangelização: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 105.

<sup>38</sup> MIRA, 1990, p. 105.



para o regime escravocrata<sup>39</sup>. Assim, a importação dessas perspectivas segregacionistas para o interior da religião era usual, pois configurou na impossibilidade de integrar “algum negro como membro da vida religiosa ou pertencente ao clero secular”<sup>40</sup> no século XVIII. E, com relação aos seus senhores, tinha participação na celebração dominical em horário distinto<sup>41</sup>; diz ele,

*É verdade que nos últimos cinquenta anos muita coisa se modificou nos modelos de formação na Igreja, especialmente em alguns países da América Latina. Mas também é verdade que ainda exista discriminação nos critérios de seleção, programas formativos, atribuições e ocupações de cargos e serviços [...] por que a maioria dos religiosos e padres é branca?*<sup>42</sup>

Nesse sentido, em 2002, Dom José Maria Pires – conhecido por Dom Zumbi, primeiro bispo negro do Brasil – salientava o número modesto de negros no episcopado, na vida religiosa, no corpo diplomático e nas Forças Armadas. Essa contradição é persistente, porque, não há proporção entre a população negra e sua presença em instituições de elite e, especialmente, em postos de comando nessas instituições<sup>43</sup>. E na Igreja não é diferente. Já o Documento de Aparecida, de 2007, refletindo sobre a situação dos afro-americanos, impele a Igreja a denunciar práticas discriminatórias que ferem a dignidade humana<sup>44</sup>. Reconhece também dificuldades sociais, educacionais e do direito a justiça. Mas, ausenta-se no estímulo de sua atuação em postos de governo.

Com isso, é possível pensar que a falta de estímulo ao contexto negro, proporciona uma imatura consciência do tempo presente. Esse fato foi evidenciado na consulta sinodal realizado no território brasilei-

<sup>39</sup> SANTOS, Faustino. Formação e negritude: a urgência de superar o embranquecimento na formação (p. 335-354). In: TRASFERETTI; MILLEN; ZACHARIAS. *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020. p. 336.

<sup>40</sup> SANTOS, 2020, p. 337.

<sup>41</sup> BIDEGÁIN, Ana María. *História dos cristãos na América Latina*. Tomo I. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 188.

<sup>42</sup> SANTOS, 2020, p. 341.

<sup>43</sup> PIRES, D. J. M. Teologia Afro. In: *Revista Perspectiva Teológica*, [S. l.], v. 34, n. 92, p. 89, 2002, p. 89. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/644>. Acesso em: 9 abr. 2023.

<sup>44</sup> CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas: Paulus, 2008. n. 532. 88-92.



ro, em que, a população negra não foi mencionada no questionário. O responsável pela Comissão que produziu a síntese do Brasil, disse: “a população carcerária ficou ausente desta grande consulta sinodal, como também os negros, o que nos traz um pouco de preocupação num país cuja população é composta por 53% de pessoas que se reconhecem negras”<sup>45</sup>.

Ainda sobre a ausência de negros em postos de governo, é oportuno mencionar as escolhas realizadas nos consistórios no período do pontificado de Francisco (2019-2022). É evidente a diversificação de territórios proporcionados pelos novos cardeais consagrados que, provindos de zonas tidas como “periféricas”, confirmam o caráter sinodal da Igreja. No entanto, dos 121 cardeais criados por Francisco, é possível indicar 19 membros com características de pessoas negras<sup>46</sup>. E, o Brasil, considerado o país com maior população negra do mundo fora do continente africano, nos consistórios mencionados não criou nenhum cardeal afrodescendente<sup>47</sup>.

Mesmo com esse cenário institucional, nos últimos tempos é possível entrever no Papa Francisco a retomada com certa frequência no destaque ao preconceito racial no dia mundial da paz. Em 2017, relatou que a discriminação racial contra Mahatma Gandhi, Khan Abdul Ghaffar

<sup>45</sup> Cf. MENDONÇA FILHO, João da Silva. *Padre aponta as grandes ausências sentidas na síntese brasileira ao sínodo 2023*: “meio ambiente, crianças, negros, indígenas e presos”. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621444-padre-aponta-as-grandes-ausencias-sentidas-na-sintese-brasileira-ao-sinodo-2023-meio-ambiente-criancas-negros-indigenas-e-presos>. Acesso em: 9 abr. 2024.

<sup>46</sup> (2014) D. Leopoldo José Brenes Solórzano, Arcebispo de Manágua (Nicarágua); D. Jean-Pierre Kutwa, Arcebispo de Abidjan (Costa do Marfim); D. Philippe Nakellentuba Ouédraogo, Arcebispo de Ouagadougou (Burkina Faso); D. Chibly Langlois, Bispo de Les Cayes (Haiti); D. Kelvin Edward Felix, Arcebispo Emérito de Castries, nas Antilhas. (2015) D. Berhaneyesus Demerew Souraphiel, C.M., Arcebispo de Adis Abeba (Etiópia); D. Arlindo Gomes Furtado, Bispo de Santiago de Cabo Verde (Arquipélago de Cabo Verde); D. Soane Patita Paini Mafi, Bispo de Tonga (Ilhas Tonga); D. Júlio Duarte Langa, Bispo Emérito de Xai-Xai. (2016) D. Dieudonné Nzapalainga, C.S.Sp., Arcebispo de Bangui (República Centro-africana); D. John Ribat, M.S.C., Arcebispo de Port Moresby (Papua-Nova Guiné); D. Anthony Soter Fernandez, Arcebispo Emérito de Kuala Lumpur (Malásia). (2017) SE Monsenhor Jean Zerbo, Arcebispo de Bamako, Malí. (2018) S.E. Mons. Désiré Tsarahazana – Arcivescovo di Toamasina. (2019) Dom Fridolin Ambongo Besungu, Arcebispo de Kinshasa; (2020) S.E. Mons. Antoine Kambanda – Arcivescovo di Kigali (Ruanda); S.E. Mons. Wilton D. Gregory – Arcivescovo di Washington; (2022) D. Peter Ebere Okpaleke – Bispo de Ekwulobia (Nigéria); D. Richard Kuuia Baawobr M. Afr. – Bispo de Wa (Gana).

<sup>47</sup> (2014) D. Orani João Tempesta, O.Cist., Arcebispo do Rio de Janeiro (Brasil). (2016) D. Sérgio da Rocha, Arcebispo de Brasília (Brasil). (2022) D. Leonardo Ulrich Steiner, O.F.M. – Arcebispo Metropolitano de Manaus (Brasil); D. Paulo Cezar Costa – Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de Brasília (Brasil).



Khan e Martin Luther King Jr nunca serão esquecidas<sup>48</sup>. E que o medo sugerido contra migrantes é provindo de interesses políticos semeados pela violência e pela discriminação racial<sup>49</sup>, com a tendência de perpetuação do racismo<sup>50</sup>. Sendo que, a cultura da paz e do cuidado muitas vezes não prevalece pelos novos impulsos e formas de racismo<sup>51</sup>. E, em 2021, por ocasião do Dia Internacional para a eliminação da discriminação racial, Papa Francisco tuitou em seu perfil que:

*O racismo é um vírus que se transforma facilmente e, em vez de desaparecer, se esconde, mas está sempre à espreita. As manifestações de racismo renovam em nós a vergonha, demonstrando que os progressos da sociedade não estão assegurados de uma vez por todas<sup>52</sup>.*

Diante do exposto, nota-se que há o tensionamento entre conformidade ao aceno histórico que caracteriza as atitudes conservadoras e a reformulação exigida pelo progresso humano nos últimos tempos. Na figura do Papa Francisco é possível notar com clareza esse embate, pois, seu ministério reluz esperança em vista de mudanças consistentes, porém, ao mesmo tempo, frustra pela continuidade de discursos oficiais mais moderados. Talvez, seja plausível vislumbrar nesse período não mudanças substanciais, mas inquietude revisionista das normas e estruturas. Nos bastidores, percebe-se um conflito bioético no que tange às fundamentações e ressignificações em termos do que se entende por racismo e gênero.

<sup>48</sup> PAPA FRANCISCO. *Mensagem para a celebração do 50º Dia Mundial da Paz (1º/01/2017)*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20161208\\_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html). Acesso em: 10 abr. 2024.

<sup>49</sup> Cf. PAPA FRANCISCO. *Mensagem para a celebração do 51º Dia Mundial da Paz (1º/01/2018)*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20171113\\_messaggio-51giornatamondiale-pace2018.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20171113_messaggio-51giornatamondiale-pace2018.html). Acesso em: 10 abr. 2024.

<sup>50</sup> PAPA FRANCISCO. *Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz (1º/01/2019)*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20181208\\_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html). Acesso em: 10 abr. 2024.

<sup>51</sup> PAPA FRANCISCO. *Mensagem para a celebração do 54º Dia Mundial da Paz (1º/01/2021)*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20201208\\_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html). Acesso em: 10 abr. 2024.

<sup>52</sup> LOMONACO, Amadeo. *Francisco: o racismo é um vírus que ao invés de desaparecer, se esconde*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-03/francisco-o-racismo-um-virus-dia-internacional.html>. Acesso em: 10 abr. 2024.



### 3 Avanços e limites a serem desdobrados no pontificado de Francisco

No atual pontificado de Francisco luzes de esperança e sombras convivem conjuntamente no complexo mecanismo de tensões entre os vários entes eclesiais que portam suas indagações e dúvidas. É verdade que obstáculos vão aparecendo à medida que Francisco – referência eclesial de unidade – faz opções à luz do Evangelho, em detrimento de um certo peso histórico de tradições que foram se ajustando culturalmente no tecido eclesial. Como já se salientou, Francisco é devedor de uma cosmovisão religiosa e latino-americana de ser humano e, em consequência, de bioética própria desta universo cristão-católico. Sua abordagem de avanços e limites se dá dentro destas referências. Como jesuíta é um homem aberto às grandes questões de fronteira do debate contemporâneo como os migrantes, a fome, as guerras, a acolhida das minorias e outras situações emergenciais.

Avanços e limites são inerentes aos processos históricos, realidade em permanente mutação. A história avança sem retornos e sem fixações definitivas; não para no presente e não volta para o passado, como algumas consciências temerosas e conservadoras acreditam ser possível. Duas projeções costumam se apresentar como verdadeiras e viáveis: a fixação em modelos permanentes, geralmente, retirados de algum lugar do passado, ou a fixação em escatologias religiosas ou secularizadas que prometem a solução das contingências históricas<sup>53</sup>.

No que tange às contribuições de Francisco ao pensamento teológico, seus gestos e ousadias proféticas, e à moral, em particular, convém ressaltar que ele compreende, de forma um pouco diferente dos seus predecessores, que nem sempre é possível conciliar sem tensões a relação entre rigor doutrinal e benignidade pastoral. Francisco tem consciência de que optar por uma rigorosa doutrina moral (ortodoxia) ou por uma inconsistente aplicação pastoral (heterodoxia) não seria uma postura acertada para levar a sério o já mencionado desafio proposto pelo Concílio Vaticano II<sup>54</sup>.

É verdade que Francisco tem demonstrado uma maior simplicidade e praxidade em encaminhar situações delicadas para missa da Igreja no

<sup>53</sup> PASSOS, João Décio. *Obstáculos à sinodalidade*: Entre a preservação e a renovação. São Paulo: Paulinas, 2023. p. 19.

<sup>54</sup> CARLOTTI, Paolo. *La morale di papa Francesco*. Bologna: EDB, 2017. p. 10 e 42.



mundo pós-moderno ou contemporâneo<sup>55</sup>. Várias aberturas no que se refere à moral social, à ecologia, às mulheres, os migrantes, as minorias, as vozes silenciadas, encontram eco no magistério de Francisco. Sobre a sinodalidade é perceptível a dinamicidade que seu empenho na escuta alargada se efetiva eclesialmente. Contudo, acerca do tema de gênero e do racismo há um desdobramento ainda a ser percorrido.

No que tange ao tema do gênero, o mundo contemporâneo tem problematizado a hierarquia dual ou binária que tradicionalmente distinguiu a hierarquia da sexualidade. A questão da diferença dos sexos, suas várias abordagens e perspectivas específicas ganhou do conhecimento científico uma nova compreensão dentro de uma plural perspectiva da diferença entre os sexos. As diferentes abordagens teóricas e práticas do corpo como corpo sexuado desenvolvidas nos últimos trinta anos fazem pensar que as diferenças morfológicas e orgânicas não são nem insignificantes nem tão determinantes quanto elas foram na história mediante sua articulação dual em termos de poder. Se predominou uma metafísica dos sexos na história, esta visão começou a ser substituída por uma ‘práxis dos sexos’, práxis teóricas, política, lúdica, que desloca suas formas de exercício e suas representações, sem predeterminação a priori de uma forma ‘boa’ ou de sua essência<sup>56</sup>.

Esta percepção contemporânea, não mais alinhada à uma tradição religiosa binária de sexualidade, conduziu a uma reação de insistentes apelos a uma concepção mais harmônica e menos conflitiva. No contexto já do Papa Francisco, não se pode deixar de salientar que a publicação do estudo sobre “o que é o homem?”<sup>57</sup> seja um reposicionamento alinhado a uma tradição binária que refuta toda expressão de vivência do gênero fora do padrão orientado pela Sagrada Escritura. Pode-se dizer que esta visão de afirmação de uma única expressão sexual lícita e moralmente aceita é ainda uma questão a ser discutida diante das novas mudanças no contexto do cenário cultural atual, onde predomina a pluralidade e diversidade das novas subjetividades.

<sup>55</sup> BLANCO, Pablo A. O projeto moral do Papa Francisco: sete lugares teológicos como desafios morais. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro. *A moral do Papa Francisco: Um projeto a partir dos descartados*. Aparecida: Santuário, 2020. p. 19-54.

<sup>56</sup> COLLIN, Françoise. Diferença dos sexos. In: MARZANO, Michela (org.). *Dicionário do Corpo*. São Paulo: Loyola: São Camilo, p. 2012. p. 344 (p. 340-344).

<sup>57</sup> PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA. *Che cosa è l'uomo? Un itinerario di antropologia biblica*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019.



Esta constatação de um cenário de mudança neste tema é acompanhada por uma importância cada vez mais considerável no que toca à afetividade humana. É impossível o amadurecimento da personalidade quando a dimensão afetiva – fundamental no ser humano – é descuidada<sup>58</sup>. Para a psicanálise, as perturbações na esfera da afetividade fizeram buscar um maior esclarecimento das neuroses<sup>59</sup>. Se a sexualidade humana – complexa em sua estrutura e desdobramento – caracteriza-se por uma dimensão de expansão e dinamicidade, não se pode considerá-la em um contexto de exclusiva expressão dentro de apenas um gênero binário. Psicologicamente, não se pode deixar de considerar que o avanço das ciências contribuiu largamente para uma visão mais humanista e personalista da sexualidade e de sua condição real. Neste ponto, Francisco considera a possibilidade de acompanhamento das pessoas em sua condição real<sup>60</sup>, embora ainda não haja uma mudança de paradigma ou de reconhecimento desta possibilidade constitutiva dos novos sujeitos.

A não aceitação da condição sexual e afetiva real das pessoas não deve conduzir a uma dissociação entre o que se é e do que se é exigido viver. Ao contrário: aceitar a condição sexual implica a aceitação da própria autoimagem corporal, dos sentimentos sobre essa imagem, a percepção da própria identidade de gênero, a capacidade de expressá-lo livremente, a possibilidade de estabelecer relações afetivas, a experiência de amar e ser amado<sup>61</sup>. Como esta dimensão da constituição humana exige grande capacidade de acolhida, integração e aceitação de si, ainda não há uma certa cultura eclesial que confronte estas realidades sem cair em falsos moralismos com suas consequências nefastas.

No que tange ao tema do racismo, situação alarmante do mundo contemporâneo, considera-se que o Papa Francisco tem se tornado um

<sup>58</sup> ALMEIDA, André Luiz Boccato de. Da ferida incurável à cicatrização dolorosa: uma reflexão propositiva diante dos desafios formativos na Igreja. In: VEIGA, Alfredo César da; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *Igreja e escândalos sexuais*: Por uma nova cultura formativa. São Paulo: Paulus, 2019. p. 116 (p. 113-134).

<sup>59</sup> LAPLANCHE, J.; PONTAIS, J. B. Neurose. In: VOCABULÁRIO de psicanálise. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 297.

<sup>60</sup> Para isso, basta considerar a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* no capítulo oitavo e a insistência para um acompanhamento, discernimento e integração.

<sup>61</sup> CANOSA, Ana Cristina. Realização sexual. Para além da perversão e da tolice. In: TRASFERETTI, José Antonio; MILLEN, Maria I. de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *Formação. Desafios Morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020. p. 302 (p. 301-315).



protagonista mundial em torno da busca pela paz e pela integração dos “descartáveis”, numa cultura da exclusão e da opressão. Subjacente ao racismo há uma cultura da violência que é uma realidade plural e complexa, que não se deixa reduzir a nenhuma de suas formas/expressões, por mais cruel, massiva e determinante que seja<sup>62</sup>.

É tocante recordar a ida do Papa Francisco à ilha de Lampedusa, reivindicar o respeito à dignidade humana, principalmente dos migrantes africanos que buscavam uma acolhida no continente europeu, fugindo de guerras e de situações de subsistência sub-humanas. São sugestivas e proféticas suas palavras sobre o flagelo que se sobrepõem às pessoas excluídas; diz ele,

*O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que, aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”<sup>63</sup>.*

De todo modo, em Francisco, há uma taxativa e forte crítica a todo tipo de exclusão e de depreciação à dignidade da pessoa. Em linhas gerais, Francisco capta que o essencial da mensagem cristã é a misericórdia. Ele deseja com toda força que este princípio caro aos cristãos e à tradição seja enraizado e ativado nas estruturas de poder atual. O cenário de miséria e descaso social é um típico exemplo de falta de compaixão e empatia para com o ser humano. No que tange ao tema da sexualidade, do racismo e da exclusão social, Francisco esforça-se por trazer à tona estes temas, embora saiba que não conseguirá que sejam em todos os aspectos implementados. Assim, compreende-se que há um esforço em fazer com que o tema da misericórdia seja o critério de revisão destas questões de delicada aceitação pela comunidade de fé.

<sup>62</sup> JÚNIOR, Francisco de Aquino. A violência contra os pobres. Um pecado contra o próprio Deus. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro. *A moral do Papa Francisco: Um projeto a partir dos descartados*. Aparecida: Santuário, 2020. p. 118 (p. 113-147).

<sup>63</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013. n. 53.



## Conclusão

A reforma eclesial proposta a partir da atuação e dos gestos do pontificado de Francisco é muito desafiadora, uma vez que impõe enfrentar questões que encontram obstáculos num tradicionalismo dissociado da condição ontológica das pessoas e das suas realidades. Embora não se possa olvidar que Francisco ainda não cunhou efetivamente um trajeto para mudança de posicionamento da Instituição, também não se pode esquecer que sua atuação já nos trouxe grandes avanços e esperanças. Contudo, é importante sinalizar que a sua figura manifesta e confirma, por vezes, o poder da doutrina sobre os sinais dos tempos e conserva costumes, quando, sua palavra e ações ministeriais contribuem para a continuidade de uma comunidade e hierarquia não diversa. Do ponto de vista bioético, Francisco está “submetido” ao modelo principialista religioso cristão, embora na prática esteja aberto ao debate e inclusão. É verdade também que no seu pontificado houve uma abertura para o diálogo, no contexto sinodal, mas dentro da cosmovisão principialista, própria do universo religioso.

Quando essas questões estão relacionadas a gênero e racismo, o desafio parece ser bem maior, uma vez que nos impele a revisar os erros hermenêuticos e conceituais do passado e adotar uma visão mais adequada à contemporaneidade. Somente por meio de um aprofundamento honesto nesses temas que dizem respeito à pessoa humana – complexa e dinâmica –, será possível se assegurar sua dignidade. Francisco, partindo desses contextos e afirmando a inclusividade como ética, repercute mais positivamente nas consciências não associadas à instituição, onde – algumas alas recomendam preconceitos e discursos de ódio, velados como zelo doutrinal. Logo, o efeito desse pontificado confirma a renovação aguardada, enquanto incomoda aos que tem medo da descentralização e questionamento do poder e recoloca a instituição sob os critérios do Evangelho. Francisco volta ao fundamento evangélico no modo de lidar com o humano e suas questões complexas, dentro do âmbito da misericórdia, mas não toca a questão doutrinária sobre os conflitos de fundamentação. Eis a ambiguidade e paradoxo!

Assim, o que se infere de Francisco até o momento é a necessidade de se reconhecer a imperiosa dignidade da pessoa humana. E, que a esta cabe por parte da Instituição Católica o acolhimento, a quebra de paradigmas e preconceitos; agindo com compaixão e misericórdia, se aproximando do outro e buscando erradicar a violência, a opressão e a



desigualdade. Portanto, destituir da religião o direito de se outorgar a interpretação sobre questões de gênero, elucidar o seu compromisso com a reparação histórica diante da aliança com a colonização e a perpetuação do racismo, e, inserir concretamente a mulher nos campos de pensar a teologia e de governo institucional; fomentam para uma renovação eclesial que seja, de fato, efetiva.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, André Luiz Boccato de. Da ferida incurável à cicatrização dolorosa: uma reflexão propositiva diante dos desafios formativos na Igreja. In: VEIGA, Alfredo César da; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *Igreja e escândalos sexuais: Por uma nova cultura formativa*. São Paulo: Paulus, 2019. p. 113-134.

ALMEIDA, André Luiz Boccato de; DE PAULA, Patricia C. A dignidade da mulher em questão: uma análise ético-interpretativa da violência de gênero a partir de Juizes 19. In: *Revista Encontros Teológicos*. Florianópolis, p. 79-102, v. 35, n. 1, jan./abr. 2020.

ARCHILA, Francisco Reyes, RAJO, Larry José Madrigal. Introdução – Re-imaginando a masculinidade: caminhos diversos para a reflexão sobre a relação entre Bíblia, gênero e masculinidade. In: *Re-Imaginando a masculinidade. RIBLA – Revista de Interpretação Bíblica latino-Americana*, n. 56, p. 15/21 – 2007/1, Editora Vozes, Petrópolis, 2007.

BALSAN, Luiz. *Teologias contemporâneas*. Editora Intersaberes, 2020. 244. ISBN 9788522702312. Disponível em: <https://pergamum-biblioteca.pucpr.br/acervo/5079439/>. Acesso em: 1 maio 2024.

BIDEGÁIN, Ana María. *História dos cristãos na América Latina*. Tomo I. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

BLANCO, Pablo A. O projeto moral do Papa Francisco: sete lugares teológicos como desafios morais. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro. *A moral do Papa Francisco: Um projeto a partir dos descartados*. Aparecida: Santuário, 2020. p. 19-54.

BUTLER, J. IDEOLOGIA ANTI-GÊNERO E A CRÍTICA DA ERA SECULAR DE SABA MAHMOOD. In: *Debates do NER*, [S. l.], v. 2, n. 36, p. 219–235, 2019. DOI: 10.22456/1982-8136.99586. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/99586>. Acesso em: 7 abr. 2024.



BUTLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Tradução: Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CALDEIRA, Cleusa. Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio de interpretação de Cântico dos Cânticos 1.5-6. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 21, p. 1189-1210, 2013.

CANOSA, Ana Cristina. Realização sexual. Para além da perversão e da tolice. In: TRASFERETTI, José Antonio; MILLEN, Maria I. de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo (org.). *Formação. Desafios Morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020. p. 301-315.

CARLOTTI, Paolo. *La morale di papa Francesco*. Bologna: EDB, 2017.

CELAM. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas: Paulus, 2008.

CNBB. *Texto Base Campanha da Fraternidade 1988: Ouvi o clamor deste povo*. Brasília: Gráfica, 1988.

COLLIN, Françoise. Diferença dos sexos. In: MARZANO, Michela (org.). *Dicionário do Corpo*. São Paulo: Loyola: São Camilo, p. 2012. p. 340-344.

EMILIANO, A. R.; NOVAIS, J. O. de S.; SOUTO MAIOR, R. de C. Discursos envolventes nas declarações do Papa Francisco acerca da homossexualidade: Construindo identidades na interface Estado e Igreja. In: *Polifonia*, [S. l.], v. 29, n. 54, 2023, p. 83/109. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/15012>. Acesso em: 2 maio 2024.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de iguais: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação*. Tradução: Yolanda Steidel Toledo. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia*. São Paulo: Paulus, 2016.



GALINDO, Jutta Battenberg. Violência de gênero e pornografia virtual: abordagem pastoral. In: TRASFERETTI; ZACHARIAS. *Sexualidade e Pastoral: aos párocos e agentes de pastoral*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 315-327.

GESCHLECHTERGERECHTIGKEIT und weltkirchliches Handeln. *Ein Impulspapier der Deutschen Kommission Justitia et Pax (Justiça de gênero e ação da igreja mundial. Um papel de impulso)*. Disponível em: [https://www.justitia-et-pax.de/jp/publikationen/gerechtigkeit\\_und\\_frieden/guf\\_104.php](https://www.justitia-et-pax.de/jp/publikationen/gerechtigkeit_und_frieden/guf_104.php). Acesso em: 3 maio 2024.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

GRASSI, P. Ideologia. In: LEONE, Salvino; PRIVITERA, Salvatore; CUNHA, Jorge T. da. *Dicionário de Bioética*. Aparecida: Santuário, 2001. p. 575-579.

JÚNIOR, Francisco de Aquino. A violência contra os pobres. Um pecado contra o próprio Deus. In: ZACHARIAS, Ronaldo; MILLEN, Maria Inês de Castro. *A moral do Papa Francisco: Um projeto a partir dos descartados*. Aparecida: Santuário, 2020. p. 113-147.

LAPLANCHE, J.; PONTAIS, J. B. Neurose. In: LAPLANCHE, J.; PONTAIS, J. B. *Vocabulário de psicanálise*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986. p. 296-299.

LIMA, Luis Corrêa. Família, Gênero e Orientação Sexual: questões enfrentadas pelo Papa Francisco. *Creatividade – Revista da Cultura Religiosa*. PUV Rio. 2019, p. 34/44. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=33613@1>. Acesso em: 5 maio 2024.

LIPINSKI, Édouard. Pai. In: BOGAERT, P.-Maurice. (org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Loyola: São Paulo, 2013. p. 1010-1011.

LOMONACO, Amadeo. *Francisco: o racismo é um vírus que ao invés de desaparecer, se esconde*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-03/francisco-o-racismo-um-virus-dia-internacional.html>. Acesso em: 7 maio 2024.



MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo, n-1 edições, 2018.

MENA, Maricel. Bíblia e descolonização: apontes desde uma Hermenêutica bíblica negra e feminista de libertação. In: *Revista Mandrágora*, v. 24, n. 2, p. 115-144, 2018.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. Decolonialidad como práxis desde las víctimas y sus resistencias. Cuestiones epistemológicas y distinción de conceptos. In: KUZMA, Cesar; ANDRADE, Paulo F. C. de. (org.). *Decolonialidade e práticas emancipatórias*. Novas perspectivas para a área de Ciências da Religião e Teologia. São Paulo: Soter: Paulinas, 2019. p. 13-28.

MENDONÇA FILHO, João da Silva. *Padre aponta as grandes ausências sentidas na síntese brasileira ao sínodo 2023*: “meio ambiente, crianças, negros, indígenas e presos”. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/621444-padre-aponta-as-grandes-ausencias-sentidas-na-sintese-brasileira-ao-sinodo-2023-meio-ambiente-criancas-negros-indigenas-e-presos>. Acesso em: 10 maio 2024.

MIRA, João Manoel. Reflexão sobre a evangelização do negro no Brasil. In: SILVA, Antônio Aparecido da. *América Latina 500 anos de evangelização: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 99-113.

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo: Paulus, 2004.

PAPA FRANCISCO. *Mensagem para a celebração do 50º Dia Mundial da Paz (1º/01/2017)*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20161208\\_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-l-giornata-mondiale-pace-2017.html). Acesso em: 7 maio 2024.

PAPA FRANCISCO. *Mensagem para a celebração do 51º Dia Mundial da Paz (1º/01/2018)*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20171113\\_messaggio-51giornatamondiale-pace2018.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20171113_messaggio-51giornatamondiale-pace2018.html). Acesso em: 7 maio 2024.

PAPA FRANCISCO. *Mensagem para a celebração do 54º Dia Mundial da Paz (1º/01/2021)*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20201208\\_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html). Acesso em: 7 maio 2024.



PAPA FRANCISCO. *Mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz (1º/01/2019)*. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20181208\\_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20181208_messaggio-52giornatamondiale-pace2019.html). Acesso em: 7 maio 2024.

PASSOS, João Décio. *Obstáculos à sinodalidade: Entre a preservação e a renovação*. São Paulo: Paulinas, 2023.

PIRES, D. J. M. Teologia Afro. In: *Revista Perspectiva Teológica*, [S. l.], v. 34, n. 92, p. 89, 2002, p. 89. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/644>. Acesso em: 8 maio 2024.

PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA. *Che cosa è l'uomo? Un itinerario di antropologia biblica*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019.

SANTOS, Faustino. Formação e negritude: a urgência de superar o embranquecimento na formação. In: TRASFERETTI; MILLEN; ZACHARIAS. *Formação: desafios morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020. p. 335-354.

WILLIAMS, Matthew. *A ciência do ódio: a jornada de um cientista para compreender a origem dos preconceitos e da violência que ameaçam a sociedade humana*. Tradução: Marcelo Bardão. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.